



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VITÓRIA CAROLINE SANTOS COSTA

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EJA E O PAPEL DO PROFESSOR NO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.**

**CAMPINA GRANDE/PB
2023**

VITÓRIA CAROLINE SANTOS COSTA

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EJA E O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa, Vitoria Caroline Santos.

A educação inclusiva e EJA e o papel do professor no processo ensino-aprendizagem [manuscrito] / Vitoria Caroline Santos Costa. - 2023.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 2. Educação inclusiva. 3. Processo ensino-aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 370.115

VITÓRIA CAROLINE SANTOS COSTA

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EJA E O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado do Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 24/11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr.^ª Elizabete Carlos do Vale (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr.^ª Paula Almeida de Castro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Diêgo Lima dos Santos Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus, por sempre iluminar meus caminhos e me dar força diariamente para lutar pelos meus objetivos.

A minha mãe, meu pai e meus dois irmãos pelo carinho e incentivo.

Aos professores que ao longo de minha trajetória me mostraram a importância da pedagogia como transformadora de vidas.

A minha orientadora Dra. Elizabeth, por toda compreensão e atenção ao longo da construção do trabalho.

A meu filho Bernardo, que ainda em meu ventre já é muito amado e esperado. Como também ao meu noivo, que me apoiou e me incentivou em momentos de dificuldade.

A minhas colegas de turma, que sempre me ajudaram e tornaram as aulas ao longo desses 4 anos mais divertidas e leves.

RESUMO

O presente artigo de conclusão de curso em Pedagogia aborda a temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva da educação inclusiva, com foco no papel do professor no processo ensino-aprendizagem. Destaca a necessidade de compreender e aprimorar práticas educativas na EJA que é uma modalidade de ensino marcada pela diversidade de sujeitos. O estudo ressalta a falta de prioridade e investimentos na EJA, traduzido na falta de condições estruturais e pedagógicas, mesmo sendo uma modalidade de ensino fundamental na promoção da inclusão social. Os objetivos do artigo são: Conceituar a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da educação inclusiva, como também os desafios dessa modalidade de ensino, analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores na EJA, especialmente ao lidar com alunos com deficiência e comparar as dificuldades e desafios analisados no referencial teórico aos enfrentados pelas professoras do estudo de caso realizado. Além disso, busca-se refletir sobre as principais dificuldades enfrentadas por professores/as dessa modalidade em lidar com alunos e alunas com deficiência que buscam a EJA como possibilidade de assegurar o direito a aprender. Tal reflexão é pautada a partir de uma discussão teórica sobre a temática, bem como, a partir de um diálogo estabelecido com professoras de uma escola pública de Campina Grande/PB que atuam nessa modalidade de ensino. Desse modo, a pesquisa evidenciou, não apenas as dificuldades enfrentadas pelos/as sujeitos da EJA (professores/as e alunos/as), mas também serviu para ressaltar a necessidade contínua de reflexão sobre a importância da EJA e a necessidade lutar por políticas públicas que garantam a EJA como um espaço fundamental para a inclusão social e educacional, proporcionando a todos os sujeitos que buscam a escola, oportunidades de desenvolver plenamente seu potencial.

Palavras-Chave: EJA; Educação Inclusiva; Ensino-Aprendizagem

ABSTRACT

The present undergraduate thesis in Pedagogy addresses the theme of Adult and Youth Education (EJA) from the perspective of inclusive education, focusing on the role of the teacher in the teaching-learning process. It emphasizes the need to understand and improve educational practices in EJA, a teaching modality marked by a diverse group of learners. The study highlights the lack of priority and investments in EJA, reflected in the absence of structural and pedagogical conditions, despite being a fundamental teaching modality in promoting social inclusion. The objectives of the article are to conceptualize Adult and Youth Education from the perspective of inclusive education, as well as to analyze the challenges of this teaching modality. It aims to examine the difficulties faced by teachers in EJA, especially when dealing with students with disabilities, and to compare the challenges analyzed in the theoretical framework with those faced by the teachers in the conducted case study. Furthermore, the article seeks to reflect on the main difficulties encountered by teachers in dealing with students seeking EJA as a means to ensure their right to learn. This reflection is based on a theoretical discussion of the theme and a dialogue established with teachers from a public school in Campina Grande/PB who work in this teaching modality. Thus, the research not only highlighted the challenges faced by the individuals in EJA (teachers and students) but also underscored the ongoing need for reflection on the importance of EJA. It emphasizes the necessity to advocate for public policies that ensure EJA as a fundamental space for social and educational inclusion, providing all individuals seeking education with opportunities to fully develop their potential.

Keywords: EJA; Inclusive education; Teaching-Learning

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	9
2.1 Educação Inclusiva e EJA.....	12
2.2 Desafios e dificuldades do/a professor/a da EJA	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
5 CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

A escolha da temática “A Educação Inclusiva e EJA e o papel do professor no processo ensino-aprendizagem” surgiu da necessidade de compreender melhor sobre as práticas de ensino na EJA em um contexto marcado pela diversidade e pluralidade de sujeitos de aprendizagem imersos no cotidiano das escolas. A EJA representa um campo pedagógico fundamental para os sujeitos que buscam a retomada do processo de escolarização, sendo portanto, a reparação de um direito negado ao longo da história para jovens e adultos que não acessaram a escola na chamada “idade adequada” ou tiveram seus processos de escolarização interrompidos por razões de natureza diversas. Ao buscar compreender a relação entre a EJA e a educação inclusiva, este estudo busca tem como objeto de estudos específicos, conceituar a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da educação inclusiva, analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores na EJA, especialmente ao lidar com alunos com deficiência e comparar as dificuldades e desafios analisados no referencial teórico aos enfrentados pelas professoras do estudo de caso realizado.

Ao analisar sobre os desafios e as oportunidades ligadas a essa modalidade de ensino e a diversidade dos seus sujeitos, reconhecemos que a inclusão efetiva demanda uma abordagem pedagógica sensível, problematizadora e contextualizada. O papel do professor, como mediador fundamental no processo ensino-aprendizagem, ganha destaque, tornando-se essencial compreender como sua atuação pode promover um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, onde cada aluno, independentemente de suas condições e habilidades, tenha a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial.

A trajetória da EJA no Brasil é marcada por processos historicamente excludentes. Os sujeitos da EJA, em sua grande maioria, são subalternizados advindos de contextos periféricos que tiveram suas vidas marcadas por processos de exclusão, entre as quais, a exclusão precoce dos processos escolares. No geral, são pessoas jovens, adultas e idosas pobres, pretas, periféricas e/ou que vivem na zona rural, todos estigmatizados, marginalizados. Assim, a herança histórica da produção do abandono escolar que esses sujeitos carregam, faz com que sejam marcados por estigmas de uma suposta lacuna cultural perpassada pela exclusão e pelo preconceito. A persistência do alto índice de analfabetismo absoluto e funcional no Brasil confirma que, a reparação do direito à educação reafirmada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), para a EJA está longe de ser concretizada.

Estudos de diversos autores que pesquisam sobre a EJA apontam sobre a falta de prioridade conferida essa modalidade de ensino nas políticas públicas, resultando na falta de investimentos, condições estruturais e pedagógicas, além do silenciamento da formação de professores e professoras para atender as especificidades inerentes a EJA. Apesar do silenciamento, invisibilidade e desafios marcantes nessa modalidade de ensino, a EJA desempenha um papel essencial na promoção da inclusão social e educacional de trabalhadores e trabalhadoras e demais segmentos sociais como: donas de casa, migrantes, aposentados, encarcerados e pessoas com deficiência, que não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica na chamada “idade apropriada”. Nesse contexto, o papel do professor é de extrema importância, pois ele é responsável por conduzir o processo de ensino-aprendizagem e garantir que alunos e alunas, independentemente de suas características e necessidades individuais, tenham oportunidades iguais de aprendizado.

A partir do escopo “EJA na perspectiva da educação inclusiva”, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as principais dificuldades enfrentadas por professores/as dessa modalidade em lidar com alunos e alunas com deficiência que buscam a EJA como possibilidade de assegurar o direito a aprender. Tal reflexão é pautada a partir de numa discussão teórica sobre a temática, bem como, a partir de um diálogo estabelecido com professoras de uma escola pública de Campina Grande/PB que atuam nessa modalidade de ensino. No que se refere à metodologia, esse trabalho constituiu-se como um estudo descritivo exploratório, pois permitiu uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de uma determinada ocorrência.

Desse modo, o presente artigo está organizado em três tópicos: logo após o texto introdutório, no primeiro capítulo é feita uma breve abordagem sobre a EJA, buscando focalizar a importância, papel e desafios do/a professor/a que atua nessa modalidade de ensino; no segundo capítulo discute-se sobre a educação inclusiva e sua correlação com a educação de jovens e adultos; na sequência, no terceiro capítulo é descrita a metodologia do trabalho seguida da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, e por fim são apresentadas as considerações finais.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Constituição Federal de 1988 estabelece que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. No que se refere à educação de jovens e adultos, a mesma está assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, que em seus artigos 37 e 38 contemplam a Educação de Jovens e Adultos pela melhor adequação social. Ou seja, a LDB (1996) reafirma a EJA como um direito já definido na Constituição Federal de 1988, definindo-a não mais como um apêndice do sistema regular de ensino, mas sim como modalidade de ensino básico, nas etapas fundamental e médio, reconhecendo as especificidades dos sujeitos e suas necessidades educativas. O art. 4º VII da LDB é claro: “oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996).

A EJA, enquanto modalidade de ensino da educação básica, tem se caracterizado pela diversidade de seu alunado. O parecer CNE/CEB Nº 2000 (BRASIL/MEC, 2000) que fundamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, aponta, entre outros aspectos, a restauração do direito negado a jovens e adultos, a busca por uma escola de qualidade por meio da necessidade de um planejamento específico para a modalidade, que precisa contar com profissionais preparados para atuar, regimentos e projetos políticos pedagógicos que deem conta das especificidades da modalidade (SANTOS, 2019).

Entretanto, a trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil, tem sido marcada por processos historicamente excludentes. Os sujeitos da EJA, vistos como subalternizados, foram e continuam sendo marginalizados dos processos escolares, e no geral são invisibilizados nas políticas públicas mantendo-se assim, uma lógica de exclusão, conforme alerta Di Pierro (2008). Em pesquisa que trata sobre a formação de professores para inclusão escolar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Silva e Campos (2018) apresentam estudos de diversos autores que tratam sobre a temática, entre os quais: Soares et al. (2011), Siens (2012) e Haas (2015), e outros. De acordo com as autoras, os estudos de Soares (2011) indicaram “a falta de prioridade conferida à modalidade de EJA nas políticas, resultando na falta de investimentos, condições estruturais e pedagógicas, além do silenciamento da formação de professores para atender esta especificidade” (p. 1156). Tais problemas fazem com que os desafios pedagógicos e políticos de articular a modalidade de EJA ao público da Educação Especial sejam ampliados.

Ainda sobre a interface entre EJA e Educação Especial, a pesquisa de Silva e Campos (op. cit), destaca que, estudos de Siems (2012); Brito e Campos (2013) e Haas (2015), mapearam a produção acadêmica nos programas brasileiros de Pós-Graduação no período de 1988 a 2009 sobre essa temática. De acordo com as autoras:

Foram localizadas dez dissertações e uma tese. Os resultados indicaram a fragilidade das estruturas pedagógicas da EJA para o atendimento educacional especializado (AEE) para as pessoas com deficiência e as dificuldades vivenciadas nos serviços especializados em oferecer condições para o desenvolvimento de atividades acadêmicas. (...). Brito e Campos (2013) focalizaram as produções sobre a escolarização de alunos com deficiência intelectual na EJA, no período de 1988 a 2008, em programas de Pós-Graduação em Educação, disponíveis no sistema de periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal Superior (CAPES). Dos resumos analisados, as temáticas principais incidiram sobre a alfabetização de jovens e adultos com deficiência intelectual e suas trajetórias escolares. As autoras indicaram a necessidade de aprimoramento das práticas pedagógicas para se atuar com este público na EJA. Haas (2015), ao apresentar os direcionamentos legais e políticos nacionais acerca da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva na EJA, com base na produção sistematizada pelos encontros nacionais e regionais realizados pelo Fórum EJA e nas pesquisas realizadas na última década (2000-2012), ratificou o que tinha sido sinalizado por Siems (2012) sobre a timidez de estudos sobre o AEE para os jovens e adultos com deficiência, bem como a fragilidade deste atendimento no contexto da EJA (SILVA, CAMPOS, 2018, p. 1156).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica na idade apropriada. O processo de ensino-aprendizagem na EJA possui características específicas devido ao perfil dos alunos, que são jovens e adultos com experiências de vida e necessidades diferentes das de alunos mais jovens. O ensino-aprendizagem na EJA tem como objetivo principal oferecer oportunidades educacionais para que esses sujeitos desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos que lhes permitam avançar na escolaridade, bem como melhorar sua qualidade de vida e suas perspectivas no mercado de trabalho. Esse processo busca respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno, levando em consideração suas vivências, saberes prévio e interesses conforme demonstra Brasil (2002, p.203). Sobre esse aspecto nos reportamos a Silva Júnior e Garcia (2018, p. 73) que afirmam:

Na prática, seria preciso garantir condições de igualdade para as pessoas, respeitando a diversidade e a singularidade subjetiva de cada um. Para isto, é necessário pensar em acessibilidade física, metodologias diferenciadas, recursos especializados, formação para professores, equipes interdisciplinares, entre tantas outras formas de permitir que a escola seja um espaço da pluralidade! Mas não bastam recursos técnicos que tentem dar suporte às possíveis deficiências físicas dos sujeitos que estão na escola. É preciso também, pensar na própria diferença que nos constitui enquanto seres humanos e que muitas vezes não é acolhida na escola. Por isso, pensar a

inclusão e a diversidade como temas que se atravessam e formam um desafio para a realidade escolar se constituem como elemento imprescindível de debate e reflexão para aprofundarmos nossos conhecimentos e ampliarmos a discussão na área da Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, para atender às necessidades dos estudantes da EJA, é importante que as práticas pedagógicas sejam flexíveis e contextualizadas, os conteúdos curriculares devem ser relevantes para a vida dos alunos, relacionados com suas experiências e aplicáveis em situações reais. Além disso, é fundamental considerar a diversidade de perfis presentes na sala de aula e adotar estratégias de ensino que estimulem a participação ativa dos estudantes, promovendo a troca de conhecimentos e a construção coletiva do saber conforme Pinheiro (2020). Outro aspecto relevante na EJA é a utilização de metodologias diversificadas, que possibilitem diferentes formas de expressão e de aprendizagem. Aulas expositivas, debates, trabalhos em grupo, pesquisas, projetos e atividades práticas são exemplos de estratégias que podem ser adotadas para estimular a participação ativa dos alunos e a construção do conhecimento (JACOBINO; SOARES, 2013). Pois conforme afirma Freire (2011, p. 155), a educação problematizadora tem como função “[...] ultrapassar o nível da ‘consciência real’, atingindo o da ‘consciência possível’”.

A valorização da cultura e dos saberes populares também é um elemento importante na EJA, assim, reconhecer e valorizar as experiências e saberes dos alunos contribui para fortalecer sua autoestima e motivação para aprender. A interdisciplinaridade e a integração de diferentes áreas do conhecimento também são princípios fundamentais nesse contexto, permitindo uma compreensão mais ampla e significativa dos conteúdos. De acordo com Gadotti e Romão (2011, p. 47) “reconhecer o papel indispensável do educador bem formado; reconhecer e reafirmar a diversidade de experiências; reconhecer a importância da EJA”. Além disso, é essencial garantir um ambiente acolhedor e inclusivo na EJA, respeitando as diferenças individuais e promovendo a igualdade de oportunidades. Diante disso, ser professor/a da/na EJA exige uma postura aberta e dialógica, de comunhão em relação ao contexto no qual cada educando/a está inserido/a e aos valores que trazem consigo (PEDROSO, 2015).

A atuação de profissionais com formação específica para atuar nessa modalidade de ensino, sensíveis às especificidades e demandas dos sujeitos da EJA são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem na EJA, visto que, o ensino-aprendizagem visa proporcionar oportunidades educacionais para jovens e adultos que não concluíram a escolarização básica e para isso, é necessário adotar práticas pedagógicas flexíveis, contextualizadas, inclusivas e que valorizem as experiências e saberes dos alunos. Ou, como afirmam Soares e Pedroso (2013, p.

251) pautadas numa das principais premissas defendidas por Paulo Freire (FREIRE, 1978, 1992, 1999), que argumenta que “as práticas pedagógicas devem considerar o contexto de vida dos educandos como conteúdo básico, levando-os a se compreenderem como seres culturais, originários e produtores de cultura”.

Desse modo, entendemos que a EJA é um espaço importante, com potencial para atender as necessidades de aprendizagem de uma diversidade de sujeitos, inclusive jovens e adultos com deficiência, que por razões diversas foram impedidos de acessar o direito à educação ou tiveram esse direito precocemente interrompido pela falta de condições de permanência na escola. Constitui-se como um desafio pedagógico e político articular a modalidade de EJA ao público da Educação Especial.

2.1 Educação Inclusiva e EJA

A educação inclusiva no Brasil é um processo de transformação e adaptação do sistema educacional para garantir que todos os alunos, independentemente de suas características individuais, tenham acesso igualitário a uma educação de qualidade. A inclusão educacional busca promover a participação plena e efetiva de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência, dificuldades de aprendizagem, altas habilidades ou outros desafios, em escolas regulares (BRASIL, 2008). No Brasil, a legislação que respalda a educação inclusiva é a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Essa legislação afirma que é dever do Estado assegurar o direito à educação inclusiva em todos os níveis e modalidades de ensino.

Um dos princípios fundamentais da educação inclusiva é o respeito à diversidade e a valorização das diferenças individuais, nessa perspectiva, a inclusão educacional não se trata apenas de matricular alunos com deficiência em escolas regulares, mas também de fornecer os recursos e apoios necessários para que eles possam participar plenamente do processo educacional. Conceitualmente, a educação inclusiva engloba uma diversidade de propostas educativas, entre as quais, a educação especial para jovens e adultos. Entretanto, conforme afirma Santos (2019):

Quando se olha para os documentos oficiais tanto da EJA quanto da Educação Especial nota-se a pouca articulação (ou quase ausência) entre as modalidades de ensino. Por exemplo, embora a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) enfatize a EJA como espaço para ampliação das oportunidades de escolarização das pessoas Público-Alvo da Educação Especial – PAEE, este mesmo documento não sinaliza as ações para a concretização da escolarização dos jovens e adultos

públicos-alvo da educação especial. (...), ainda que a legislação brasileira reconheça a EJA como modalidade de ensino também para as pessoas com deficiência como um direito, observa-se que o acesso a serviços e recursos ainda é frequentemente negado (SANTOS, 2019, p. 23).

A educação numa perspectiva inclusiva visa proporcionar oportunidades iguais de aprendizagem e desenvolvimento para todos os alunos e alunas, valorizando a diversidade e promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva. Conforme destaca Santos, (2019, p. 23).

Em relação às demandas de sujeitos da EJA e da Educação Especial, também é possível reconhecer concepções que se entrelaçam, de forma que as pessoas com deficiência e os jovens e adultos em processo de escolarização atravessam o contexto atual com a mesma necessidade: a de serem reconhecidos além de suas carências, além de uma visibilidade dada por suas vulnerabilidades ou pela negação de sua condição como sujeitos históricos.

Conforme ANTIPOFF (1922), "A educação inclusiva é um compromisso de toda a sociedade. É uma responsabilidade coletiva que deve ser assumida por todos, a fim de promover uma educação de qualidade para todos os estudantes". Entretanto, mesmo que se tenha avançado no reconhecimento da importância da educação inclusiva, a sua implementação, especialmente na modalidade da EJA ainda enfrenta desafios, como a falta de infraestrutura adequada e materiais didáticos específicos nas escolas, fragilidade dos processos formativos dos/as professores/as, entre outros aspectos. A fragilidade dos processos formativos que enfoquem sobre a educação inclusiva na EJA para professores, constitui-se como um dos maiores desafios pedagógicos, pois, como afirma Norago (2012):

[...] o exercício da docência exige mais do que possuir conhecimento e saber aplicar técnicas pedagógicas. A condução de um grupo de alunos e desenvolvimento do trabalho pedagógico exige do professor capacidade de conhecer, aplicar, ressignificar conhecimento como também organizar e mobilizar os discentes para que aprendam (NOGARO, 2012, p. 114).

Conhecer, ressignificar e problematizar os processos de construção do conhecimento contribuem para que o ensino não seja pautado apenas pela pedagogia da resposta, pois, como afirma Freire, a "educação da resposta não ajuda em nada a curiosidade indispensável ao processo cognitivo. Ao contrário, ela enfatiza a memorização mecânica dos conteúdos. Só uma educação da pergunta aguça, estimula e reforça a curiosidade" (FREIRE, 1995, p.19). O professor desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão educacional, pois é o agente responsável por criar um ambiente acolhedor e propício ao aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas características individuais. Paulo Freire assevera ainda, que é fundamental que saibamos, que:

Sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos,

identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não pode se dar (FREIRE, 2002, p. 136).

O professor inclusivo reconhece e valoriza a diversidade presente em sala de aula buscando atender às necessidades individuais dos estudantes. Entretanto, para que de fato, haja uma educação inclusiva, é fundamental, entre outros aspectos, que sejam asseguradas ao professor, condições de trabalho e formação continuada, pois, “a inclusão implica que todos os professores têm o direito de esperar e de receber preparação apropriada na formação inicial em educação e desenvolvimento profissional contínuo durante sua vida profissional” (MITTLER, 2003, p. 35).

Desse modo, é papel do professor promover a igualdade de oportunidades e eliminar as barreiras que possam impedir a participação plena dos alunos. Segundo Mantoan (2003, p. 39), “O ponto de partida para se ensinar a turma toda, sem diferenciar o ensino para cada aluno ou grupo de alunos, é entender que a diferenciação é feita pelo próprio aluno, ao aprender, e não pelo professor, ao ensinar”. Para ser um professor inclusivo, é necessário investir em formação e atualização constante. Conforme destaca Paulo Freire, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.52).

Além disso, o professor inclusivo é sensível e empático, buscando compreender as necessidades individuais de cada aluno e adaptar suas práticas pedagógicas de acordo, portanto, "professor inclusivo é aquele que se coloca no lugar do outro, que compreende suas dificuldades e busca alternativas para superá-las." (ANTIPOFF, 1992). A relação entre professor e aluno é essencial na promoção da inclusão. O professor deve ser um facilitador, estimulando a participação ativa dos alunos, incentivando o respeito mútuo e criando um ambiente de colaboração.

2.2 Desafios e dificuldades do/a professor/a da EJA

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os/as professores/as enfrentam dificuldades específicas inerentes às características e desafios dessa modalidade de ensino. Do ponto de vista pedagógico, são dificuldades relacionadas a aspectos como: conseguir lidar com a heterogeneidade e níveis de aprendizagem diversificados dos alunos e alunas, realizar atividades motivadoras que envolvam e engajem os/as alunos no processo ensino-aprendizagem; utilizar metodologias diversificadas que atinjam os/as alunos/as nas suas

especificidades e necessidades básicas de aprendizagem, saber lidar com alunos/as com deficiências, entre outros aspectos. Por outro lado, mesmo tendo que lidar com esses desafios e dificuldades cotidianas, o processo formativo do/a professor/a da EJA sempre foi negligenciado, seja na sua formação inicial, seja na formação continuada. Sobre esse aspecto, estudos de Soares e Simões (2005), destacam que:

Pela própria configuração histórica da EJA no Brasil, fortemente marcada pela concepção de que a educação voltada para aqueles que não se escolarizaram na idade regular é supletiva e, como tal, deve ser rápida e, em muitos casos, aligeirada. Nessa perspectiva, também o profissional que nela atua não precisa de uma preparação longa, aprofundada e específica (...). O campo da EJA não construiu, ainda, o consenso de que possui uma especificidade que requer um profissional preparado para o exercício da função. As concepções de EJA variam dependendo do lugar em que é oferecida. Enquanto há lugares que se baseiam na ideia de que “qualquer pessoa pode ensinar para jovens e adultos”, há outros que enxergam a habilitação como um requisito essencial e outros, ainda, que concebem que a formação inicial, apesar de seu valor, não é o preponderante para o trabalho (SOARES e SIMÕES, 2005, *apud* PEDROSO, 2015, p. 100).

Na EJA, os alunos geralmente têm idades diversificadas, histórias de vida, conhecimentos prévios e habilidades diferentes. Isso torna a sala de aula mais heterogênea, mais rica culturalmente, mas exige do/a professor/a conhecimentos e habilidades para trabalhar com metodologias que atendam ao mesmo tempo, a diversidade e as especificidades dos sujeitos da EJA. A maioria dos/as alunos/as da EJA enfrenta desafios adicionais, como responsabilidades familiares, trabalho em período integral ou dificuldades financeiras. Isso pode afetar sua motivação e engajamento na aprendizagem. O professor precisa buscar formas de estimular e manter a motivação dos alunos, tornando as aulas relevantes, significativas e contextualizadas. “[...] ensinar não é depositar pacotes na consciência vazia dos educandos.” (FREIRE, 1993, p. 63).

Desse modo, é necessário adotar estratégias didáticas mais flexíveis e diferenciadas, que envolvam os alunos ativamente no processo de aprendizagem. Aulas expositivas, trabalhos em grupo, projetos práticos e atividades contextualizadas podem ser alternativas eficazes para promover a participação e o aprendizado dos alunos conforme Libâneo (1998, p.29). “Dialogar é interagir com o outro, respeitá-lo em sua forma de ser, é acolher suas necessidades e dispor-se a construir uma nova história junto com o outro, a partir da história que cada um já traz consigo.” (PIN, 2014, p. 79).

Do ponto de vista curricular, embora a EJA tenha como referência o currículo do chamado “ensino regular”, é fundamental compreender que o currículo da EJA tem suas especificidades e flexibilidade quanto ao tempo e conteúdos. Ou seja, tem uma carga horária

reduzida em relação à educação regular, o que significa que o tempo disponível para trabalhar os conteúdos é limitado exigindo do professor um planejamento cuidadoso das atividades garantindo que os alunos adquiram conhecimentos essenciais dentro desse tempo restrito. Muitos professores podem enfrentar falta de formação específica para atuar na EJA, o que pode dificultar sua capacidade de lidar com os desafios encontrados nessa modalidade. Nesse sentido, enfatizamos que é importante que os professores tenham acesso a programas de formação continuada, suporte pedagógico e trocas de experiências com outros profissionais da área.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, de abordagem qualitativa do estudo de caso. Objetivou-se refletir sobre as principais dificuldades enfrentadas por professores/as que atuam na EJA em lidar com alunos e alunas com algum tipo de deficiência, que buscam a escola como possibilidade de assegurar o direito a aprender. Inicialmente foi realizada a revisão bibliográfica baseada em alguns autores que discorrem sobre a EJA numa perspectiva da educação inclusiva, posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo numa escola da rede municipal de Campina Grande que oferta a modalidade EJA. Para levantamento dos dados foi utilizado o questionário, bem como, a realização de uma roda de conversa com as professoras que, gentilmente, se disponibilizaram dialogar sobre dificuldades e desafios no trabalho com alunos e alunas da EJA com algum tipo de deficiência. Conforme acordado com as professoras, para preservar suas identidades, no texto são utilizados nomes fictícios de Ana e Márcia.

Em um primeiro momento as professoras me informaram que em suas turmas atuais de EJA na escola, apenas numa delas tinha um aluno com deficiência, entretanto, afirmaram que ao longo das suas trajetórias docentes já tiveram vários alunos com variados tipos de deficiência e por isso poderiam relatar algumas dessas experiências. Se tratando da primeira pergunta norteadora, questionei há quanto tempo em média as professoras atuavam na EJA e ambas informaram que a mais de 10 anos, além disso foi perguntado também se durante esse período de atuação tiveram alunos com deficiência e se sim quais as principais deficiências. As duas professoras informaram que em sua trajetória já tiveram alunos com o TEA (Transtorno de Espectro Autista), alunos com diferentes graus da doença, como também alunos com algum tipo de Deficiência Intelectual.

A segunda questão levantada na roda de conversa foi sobre as maiores dificuldades dos alunos que possuem deficiência, no processo de aprendizagem. A partir desse questionamento, as duas professoras trouxeram exemplos diferentes, mas que mostram a realidade da sala de aula no desafio da inclusão. A professora Ana destacou que uma das maiores dificuldades dos alunos com algum tipo de deficiência é a falta de motivação, pois como os alunos com necessidades específicas, geralmente demandam mais tempo para aprender determinados assuntos, muitas vezes sentem que não são capazes ou até pensam em desistir de frequentar as aulas. Para a professora Márcia, a principal causa para as dificuldades na aprendizagem dos alunos com alguma deficiência é a falta de assiduidade, muitas vezes ocasionadas por alguma

situação ligadas a deficiência, pois, como os alunos frequentemente faltam, o desenvolvimento da aprendizagem retarda e, portanto, sem a devida assistência os mesmos não conseguem evoluir na aprendizagem.

A terceira questão utilizada para fomentar o diálogo foi sobre a relação da turma com o/a aluno/a que tenha alguma deficiência. A professora Ana afirmou que em sua turma a relação com a aluna que possui o TEA é bastante boa, os alunos são bastante acolhedores e receptivos. Entretanto, a única questão para a aluna seria a grande diferença entre as idades, pois se tratando de turmas de EJA a sua maioria é formada por alunos com idade acima de 40 anos e como a aluna é bastante jovem, a mesma por mais que tenha uma boa relação com todos, não consegue se aprofundar em conversas pela diferença de idade, realidades de vida diferentes. A professora Márcia, como não possui aluno/a com deficiência em sua turma atual apenas relatou que em suas experiências anteriores os alunos com necessidades especiais também conseguiam se envolver com a turma e formar vínculos.

A quarta questão direcionada as professoras foi sobre as principais dificuldades que elas enfrentam no processo de ensino-aprendizagem com alunos com deficiência nas aulas de EJA. A professora Ana, afirmou que como não possui formação direcionada a inserção de metodologias e atividades que possam facilitar a aprendizagem do aluno com deficiência, por vezes se sente perdida na forma de passar o conteúdo para o aluno e em seu cotidiano utiliza a mesma didática para todos os alunos, onde nem sempre é o suficiente para o aprendizado concreto do aluno com necessidades especiais. A professora Márcia, destacou que a forma abrupta da inserção dos alunos com necessidades especiais em escolas de ensino regular sem a devida preparação dos professores e muito menos das escolas, é uma das principais dificuldades que a mesma enfrenta. Além das dificuldades de ordem pedagógica, as professoras destacaram que, no geral as escolas não tem sua estrutura física inclusiva, faltam desde as rampas de acesso, salas com portas de tamanhos maiores, banheiros adaptados, entre outros aspectos.

A quinta questão norteadora do diálogo foi sobre a utilização de estratégias didáticas para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência. A professora Ana relatou que, como não tem nenhuma formação específica para lidar com alunos que tem algum tipo de deficiência, tenta trabalhar com atividades em grupo para promover a inclusão e também trazendo atividades que possam incluir a realidade dos alunos, para que o aluno com deficiência consiga socializar e interagir com os demais e vice-versa. Já a professora Márcia destacou que, como se trata de jovens e adultos, tenta buscar atividades lúdicas, mas que possa trazer criticidade, e se tratando da participação ativa dos alunos com necessidades especiais, a mesma

tenta trazer exemplos de atividades que possam trabalhar em cima das dificuldades da determinada deficiência.

No decorrer do diálogo questionei se a secretária de educação oferece algum tipo de formação continuada para professores/as de EJA, sobre a educação inclusiva para Jovens e Adultos. As duas professoras informaram que a secretária de educação promove formações para professores da rede municipal, entretanto, nunca foi discutido e/ou colocado em pauta questões relacionadas à inclusão de alunos de EJA em processo de alfabetização com alguma deficiência, e, portanto, não possuem nenhum tipo de recurso, seja metodológico ou de suporte pedagógico que possam contribuir para a atuação do professor, de modo que sua atuação pedagógica seja mais inclusiva. Inclusive com essa reflexão, as professoras citaram que a escola possui o AEE (Atendimento Educacional Especializado) para os alunos que possuem deficiência e estudam na escola nos turnos manhã ou tarde, entretanto, nunca foi falado sobre a participação dos alunos com algum tipo de deficiência, que estudam na EJA, que pela lógica deveriam ter o mesmo direito. As professoras ficaram tão pensativas com relação à inclusão destes alunos no AEE que me informaram que iriam questionar a direção da escola sobre este caso.

A sétima e última questão dialogada com as professoras foi sobre o acesso a recursos didáticos específicos para trabalhar com alunos da EJA que tem algum tipo de deficiência. Como se trata de uma pergunta de cunho geral, as professoras informaram que nem a escola e nem a secretária de educação fornece materiais direcionados ao público de EJA com alguma necessidade especial, cabendo a elas, caso desejarem realizar alguma atividade adaptada produzir o próprio material de acordo com a proposta para ser utilizado em sala de aula.

A roda de conversa foi bastante rica, pois consegui identificar vários pilares e problemáticas se tratando das perspectivas das professoras na educação inclusiva direcionada ao EJA, pude perceber que as professoras se sentem preocupadas em dar o melhor de si e sala de aula para que a ausência de recursos não atrapalhe o processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.

Ao decorrer dos diálogos e reflexões estabelecidos na entrevista realizada com as professoras, identifiquei aspectos em comum visualizados na revisão literária contextualizada no referencial teórico. Pode-se destacar que as dificuldades encontradas em sala de aula em sua maioria são comuns entre todos os professores que atuam em turmas de EJA, entretanto, pudemos identificar que em escolas as quais não é fornecido materiais didático-pedagógicos e/ou formações direcionadas para a inclusão de alunos com algum transtorno ou deficiência a problemática se estende e se torna mais difícil para o professor. Se tratando das dificuldades dos alunos, pode-se entender que os maiores desafios seriam a manutenção da frequência às

aulas tendo em vista fatores externos a escola, como destacado na contextualização do trabalho, e por assim encontrar metodologias que motive esses alunos de forma diária pode ser algo transformador quando falamos de inclusão escolar.

5 CONCLUSÃO

A análise conjunta sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Inclusiva no processo ensino-aprendizagem destaca a importância crucial de superar desafios históricos e estruturais, pois, diante da trajetória excludente da EJA no Brasil, é importante e urgente que sejam pensadas e colocadas em práticas políticas públicas que priorizem investimentos, formação docente e condições adequadas de trabalho para essa modalidade de ensino. Ao reconhecer a diversidade dos sujeitos da EJA, em especial, à presença de alunos e alunas com algum tipo de deficiência nessa modalidade de ensino, o presente estudo apontou para a necessidade de uma abordagem pedagógica sensível, problematizadora, contextualizada e adaptada a diversidade dos sujeitos que constituem a EJA.

A conceituação realizada sobre a Educação de Jovens e Adultos foi bastante produtiva tendo em vista a perspectiva de vários autores analisados, as problemáticas encontradas ao decorrer das leituras somaram de forma bastante construtiva para a percepção de uma EJA que necessita cada vez mais de reflexões e diálogos sobre o seu papel na sociedade, vale ressaltar também que por ser uma discussão se tratando de um grupo que necessita de um olhar mais sensível, trazer teóricos que destacam a realidade do professor e mostrem as problemáticas do dia a dia em sala de aula torna a discussão mais rica.

A análise e comparação das dificuldades enfrentadas pelos professores foi feita de forma bastante clara tendo em vista que pode-se identificar semelhanças entre a teoria e a prática analisada com as professoras ao qual foi realizada a roda de conversa, podemos destacar como dificuldades principais a diversidade de perfis de estudantes, com variados níveis de habilidades e experiências prévias, a falta de recursos adequados e a carência de formação específica que contribuem para um cenário desafiador, onde a adaptação curricular se torna crucial para atender às necessidades individuais dos alunos e a falta de formação do professor direcionada a inclusão de alunos com deficiência.

Entendemos que para efetivação da EJA numa perspectiva inclusiva, o papel do/a professor/a como mediador/a no processo de construção do conhecimento num ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e transformador, é fundamental. Ou seja, o/a professor/a desempenha um papel central, enfrentando o desafio de adaptar sua prática pedagógica para atender às necessidades individuais dos alunos. É de fundamental importância que a rede municipal de ensino inclua nos processos de formação continuada às questões demandadas pela EJA, visto que, de modo geral, a mesma é extremamente invisibilizada. Assim, é fundamental que sejam ofertados processos de formação continuada que abordem a temática da educação

inclusiva, visto que, a presença de alunos/as na EJA com algum tipo de deficiência é cada vez mais comum. A presença desses sujeitos é de extrema importância não apenas para o seu processo de aprendizagem e para o resgate da autoestima, como também para a efetivação da EJA como ferramenta de promoção da igualdade e de inclusão educacional e social.

É importante destacar alguns aspectos importantes apontados na pesquisa como condições fundamentais para a efetivação de práticas pedagógicas de EJA numa perspectiva inclusiva, como: a necessidade de estabelecer um trabalho mais conectado entre os/as professores/as que atuam na EJA e professores/as que atuam no atendimento educacional especializado para que de fato, sejam realizadas práticas pedagógicas mais inclusivas; a urgência de investir em formação continuada que consolide como espaço de reflexão e de promoção de novas práticas; o urgente suporte de um apoio especializado aos docentes por meio da contratação de profissionais que possam somar nesses processos inclusivos; o fortalecimento da identidade docente para atuar na EJA, que se construa desde a formação inicial, por meio de vivências e estágios que permitam, ao/a professor/a em formação, experimentar a realidade e os desafios de uma EJA inclusiva, entre outros aspectos.

Portanto, a pesquisa realizada com as professoras sobre as dificuldades no ensino na EJA numa perspectiva inclusiva destaca a relevância de ampliar nossa compreensão sobre os desafios enfrentados por esses/as educadores/as. Ao trazer à luz as experiências e perspectivas das professoras, a pesquisa contribuiu para uma visão mais aprofundada das complexidades envolvidas no processo educacional inclusivo. As dificuldades identificadas, sejam as relacionadas à falta de recursos, à falta de formação adequada, ou ao enfrentamento de estigmas sociais, oferecem percepções valiosas para a formulação de políticas e práticas pedagógicas mais eficazes. Assim, a pesquisa não apenas evidenciou as dificuldades enfrentadas pelos/as sujeitos da EJA (professores/as e alunos/as), mas também serviu para ressaltar a necessidade contínua de reflexão sobre a importância da EJA e a necessidade de lutar por políticas públicas que garantam a EJA como um espaço fundamental para a inclusão social e educacional, proporcionando a todos os sujeitos que buscam a escola, oportunidades de desenvolver plenamente seu potencial.

Portanto, a implementação da educação inclusiva na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta desafios significativos, devido ao público diversificado, composto por indivíduos com experiências educacionais variadas exige abordagens pedagógicas adaptativas. A carência de materiais didáticos inclusivos e a limitada formação específica dos professores para lidar com essa diversidade são obstáculos evidentes. Além disso, a falta de estrutura física e recursos tecnológicos adequados pode dificultar a implementação de práticas inclusivas,

como também a barreira do preconceito e da falta de sensibilização em relação às necessidades especiais dos alunos também contribui para um ambiente desafiador. Entretanto, a promoção da inclusão na EJA requer não apenas uma revisão das estratégias de ensino, mas também investimentos em formação docente, adaptação de materiais didáticos e conscientização para construir um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo.

REFERÊNCIAS

- ANTIPOFF, H. **Educação dos excepcionais**. Belo Horizonte: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, 1992.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394, de 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Proposta curricular de geografia para Educação de Jovens e Adultos** (segundo segmento). Vol.02. 2002.
- BRASIL. **Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (Org.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo. Editora Cortez, 2011
- GARCIA, Renata Monteiro. SILVA, Marluce Pereira da. (orgs.). **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões impertinentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.
- JACOBINO, Gilvani; SOARES Jakeline. **Metodologias ativas na prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. 2013. 31 f. TCC – FACULDADES PROMOVES DE BRASÍLIA, Brasília- DF, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).
- MITTLER, P. **Educação Inclusiva**: Contextos Sociais. São Paulo: Artmed, 2003.
- NOGARO, A.; NOGARO, I. **Primeira Infância: espaço e tempo de educar na autora da vida**. Erechim: Edifapes, 2012.
- PEDROSO, Ana Paula F. **Trajetórias formativas de educadores da EJA**: fios e desafios. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2015. (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://repositorio.ufmg.br/bitstream>
- PINHEIRO, Salomé Maria da Silva. **O perfil do aluno da EJA na atualidade**. VII

PIN, S. A. **Educar o humano**: construção do sujeito em Paulo Freire. Frederico Westphalen: Pluma, 2014.

SANTOS, Flávia Maria dos. **Matrículas de estudantes com deficiência na EJA e a oferta do atendimento educacional especializado em municípios paulistas**. São Carlos, SP: UFSC, 2019.

SILVA Jr. Nelson Gomes de S. GARCIA, Renata M. Diversidade e inclusão. In.: GARCIA, Renata M. SILVA, Marluce P. **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões impertinentes (org.). João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

SOARES, Leônicio J. G. PEDROSO, Ana Paula F. Dialogicidade e a formação de educadores na EJA: as contribuições de Paulo Freire. In.: **ETD – Educ. temat. digit.** Campinas, SP, v.15 n. 2 maio/ago, 2013. (p.250-263). Disponível em: www.fae.unicamp.br/etd